

Jean Genet em
montagem oficina
com Jean Mutin

PÁGINA

3

C A D E R N O

PÁGINA

7

Os embarços do
macho entre a
infidelidade

Pintando no Park

90 Horas de Pintura Contemporânea: começa amanhã a maratona de arte, alegria e fôlego

CELSO ARAÚJO

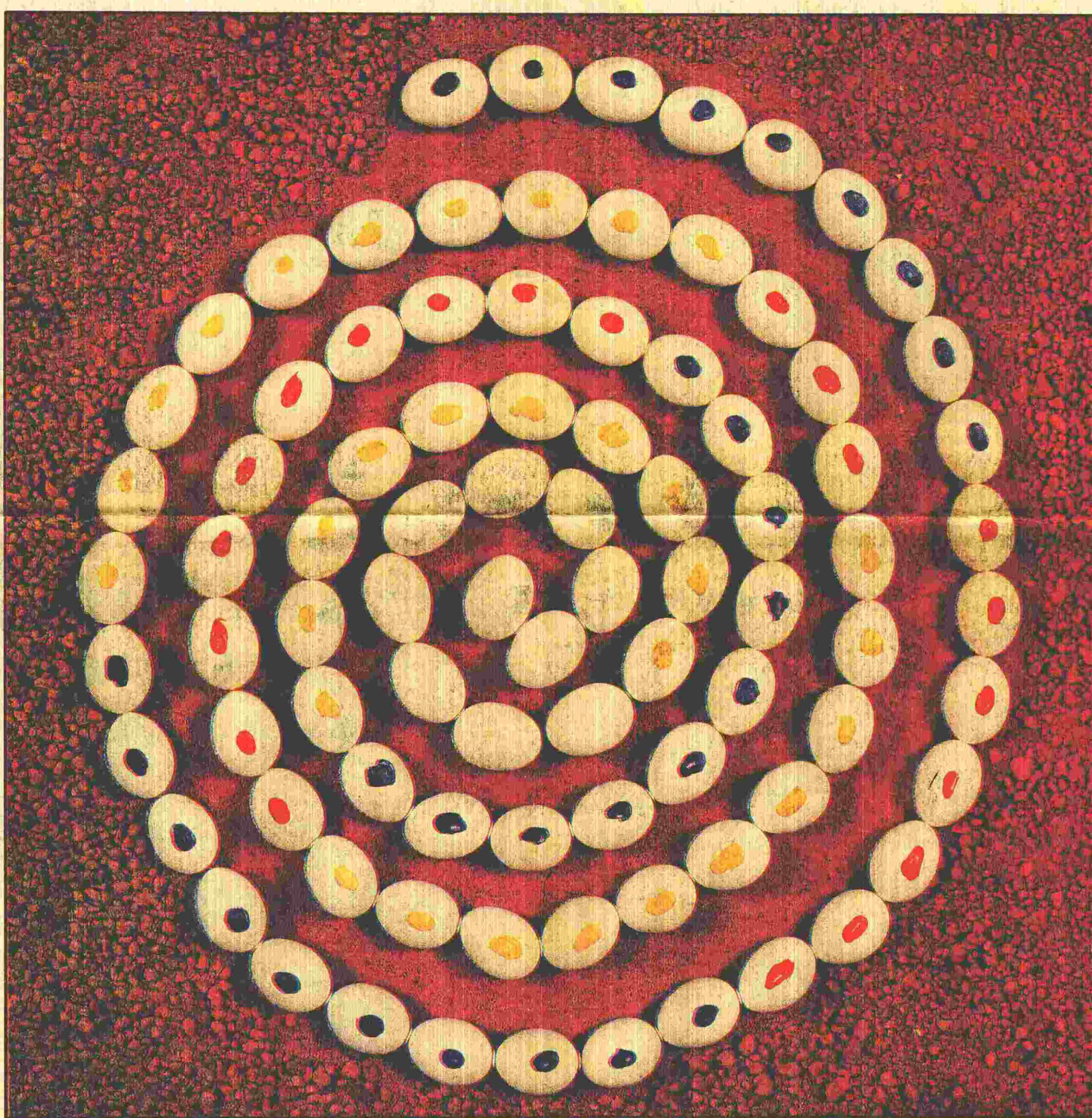
Vai começar a maratona dos pintores diante de suas telas. Amanhã, às 15h00, 20 artistas batem o cartão de ponto como sinal de largada para as 90 Horas de Pintura Contemporânea, quarta versão de um evento cada vez mais expressivo para o campo das artes plásticas no País. Na praça central do ParkShopping, desde cedo, os candidatos estarão instalando seus materiais de trabalho para uma jornada quase incessante diante de seus cavaletes, com um período de repouso de apenas quatro horas para cada jornada de 24 horas.

Um regulamento rigoroso ao qual se submetem os 20 participantes, disputando três prêmios (uma viagem ao exterior para o primeiro, Cr\$ 150.000,00 para o segundo e Cr\$ 50.000,00 para o terceiro), em pleno movimento do mais freqüentado shopping da cidade. A cada um dos participantes está assegurado um prêmio no valor de Cr\$ 50.000,00 e há vários itens que podem desclassificar automaticamente um concorrente, como o consumo de bebidas alcoólicas ou de drogas ou a provocação de desordem.

Penalidades à parte, todos os artistas estão plenamente cientes de que a maratona é mesmo pra valer e muitos garantem que passaram a semana em banhos de cachoeira, massagens e uma alimentação rigorosa para não caírem em tentações de sono, dispersão ou mesmo stress. Todos eles, entretanto, são unânimes em reconhecer a importância das 90 Horas e o número de inscritos este ano, 64 ao todo, é uma prova de que o certame vem cada vez mais ganhando em repercussão além das fronteiras de ParkShopping.

O temor do cansaço, entretanto, é geral. O amazonense Bruno Guimarães vai concorrer justamente utilizando-se da situação a que todos estarão comprometidos: "Em termos psicológicos, acho que vai dar um resultado interessante. Existe um limite de atuação para cada ser humano. Nós precisamos sonhar. Pela ansiedade de não quebrar o regulamento, estaremos com esse processo cortado por cinco dias. Isso vai dar um declínio progressivo das funções psicomotoras. E, propositalmente, meu trabalho vai enfocar esse processo, o comportamento do grupo, as pessoas passando".

Reunidos em entrevista para o **Jornal de Brasília**, esses artistas re-



A arte de Siron Franco em cartaz das 90 Horas: pouco sono e nem um pouco da privacidade dos ateliers na festa dos pincéis

conhecem que é muito diferente o ato de pintar num ateliê do ato de pintar cercado de pessoas, luzes, sons, ruídos e observações. O cearense Jotta Ivan, radicado em Brasília desde o início da cidade, acha que 90

Horas é uma oportunidade para cada um tentar a si próprio, "você fica sabendo até onde pode chegar, é uma maratona mesmo, como uma questão de sobrevivência".

Um outro aponta o seu receio, sa-

lientando o poder "desses olhos eletrônicos em cima de você", enquanto outro acrescenta que já passou até 72 horas sem dormir, na atividade incessante de seu ateliê.

Agadman, escultor e pintor

plauense que mora em Sobradinho, é da opinião de que toda essa ansiedade misturada à atividade quase delirante de tantos pintores juntos acaba por caracterizar uma "poesia geral" e é nesse aspecto que, para muitos de-

les, o acontecimento proposto pelas galerias *Casagrande*, de Goiânia, e *Leme Espaço Cultural*, do Rio, é uma oportunidade rara que os artistas têm de trocar idéias entre si e com o público.

Hermínio Tadeu, integrante do grupo *Via Satélite*, acha que o inusitado da proposta está exatamente na exposição por que passa cada pintor, como isca ou chamariz à disposição da curiosidade geral. "No fundo todos nós nos resguardamos e uma maratona como essa é uma prova de fogo, porque pintar é também um processo de agonia".

Saindo da esfera da criação para a sobrevivência em si, muitos pintores entusiasma-se com a idéia de que, este ano, o ParkShopping vai comercializar as obras. E cada um deles tem propostas para tornar o evento mais artístico ainda: uma exposição por uns 15 dias no próprio ParkShopping, que inclusive poderia ser itinerante; um encerramento mais festivo e a gravação em vídeo de todo o processo criativo, para que as performances individuais ficassem devidamente registradas.

Para todos eles, comercialmente falando, o mercado não está pra peixe. Alguns utilizam a expressão "crack" para denunciarem o amortecimento dos negócios desde que a Lei Sarney foi extinta. "A única perspectiva que nós, jovens pintores, tínhamos de avanço numa cultura nacional era a Lei Sarney. O que mais nos resta? As galerias, mas essas nem sempre abrem espaço para artistas novos", confessa Bruno Guimarães.

Portanto, 90 Horas de Pintura Contemporânea é o evento que este ano põe a novidade e a agitação no lugar do conformismo e do tédio. A ecologia parece ser o tema central da maioria das obras que serão criadas diante do público. Nesse momento, os 20 pintores selecionados tomam banhos de cachoeira, sonham, repousam e preparam as mãos e a imaginação para amanhã receberem o público num grande e movimentado ateliê-shopping.

□ **90 HORAS DE PINTURA CONTEMPORÂNEA 1990** — Organização da *Casagrande Galeria de Arte de Goiânia* e do *Leme Espaço Cultural*, do Rio. Apoio: *Secretaria de Cultura da Presidência da República*, *Secretaria de Cultura e Esporte do DF*, *Fundação Banco do Brasil*, *Listel, Jornal de Brasília*, *O Popular*, *TV Globo*, *TV Anhanguera*, *Rádio Jornal de Brasília* e *ParkShopping*. De amanhã a sexta, na Praça Central do ParkShopping.

Os 20 concorrentes

Bruno Guimarães — 29 anos, amazonense. Morou com o avô diplomata na Colômbia. Aos seis anos, realizou sua primeira exposição. Estudou na Flórida, Estados Unidos e começou pintando temas andinos. Professor na Faculdade Dulcina, influenciado por Moacyr de Andrade e Pérciles Rocha, ele diz que a pintura é para ele uma ligação com o cosmos. "Sou introspectivo-astral e faço um abstracionismo de linha gestual-lírica. Vai pintar o próprio processo de se expor em público, em acrílico sobre tela. Admira o norte-americano Sidney Poloch.

Carlos Velez — 25 anos, colombiano de Medellín. Há três anos e meio em Brasília. Começou a pintar com 12 anos de idade. Fez publicidade. Interessou-se subitamente pela arte nordestina do mestre Vitalino e pela xilogravura. Vai criar telas em estilo "naif", cada uma delas retratando uma região do Brasil, propositalmente sob o ponto de vista do estrangeiro.

Franco Galeno — 33 anos, paulista. Desde criança, mora em Brasília. Já realizou diversas exposições individuais. É tido pela crítica como um dos grandes valores da nova pintura brasileira, com um trabalho inteiramente livre de grupos. Não sabe exatamente ainda o que vai pintar. Galeno fez grande telas em que

se destacam um impressionante jogo de formas líricas e uma poesia pictórica inteiramente distinta. Um nome de sua admiração: baiano Rubem Valentim.

Agadman Alves — 38 anos, piauiense. Em criança, já criava bonequinhos de barro em cima da porteira do engenho. Em 68, chegou a Brasília. Autodidata, começou a esculpir em madeira e a desenhar. Nas 90 horas, vai trabalhar com o tema "Sinais da Paz", buscando uma linguagem plástica que transmita sua preocupação com a paz e sua admiração pelo líder soviético Gorbachev. "Vou fazer uma pintura pra descansar a alma humana". Um nome: Van Gogh.

Antônio Carlos — 28 anos, paulista de Campinas. Assina-se somente Hedo. Começou a desenhar também em criança. Trabalhou em agências de propaganda, inclusive, como estagiário de Maurício de Souza. Pertence à seita Cultura Racional. São sete telas de 1m x 80cm representando as sete maravilhas da matéria (sol, lua, estrelas, água, terra, vegetal e reino animal). Hedo assina sempre na parte superior das telas e "sempre início meus quadros pela luz". Uma admiração: Picasso.

Jotta Ivan — 45 anos, cearense. Chegou a Brasília em 59. Formado em Comunicação, vai mostrar três telas no ParkShopping. Uma sobre as assinaturas do Brasil, com o problema do analfabetismo sendo enfocado. Outra é uma homenagem a Athos Bulcão e a terceira uma homenagem a Roberto Marinho, que para Ivan é "o grande olho nacional".

Di Oliveira — 39 anos, carioca. Desde 64, em Brasília. Autodidata, já fez artes gráficas e publicidade. Vai pintar, com aerógrafo, uma cidade futurista brotando do mar. Também cria histórias em quadrinhos. Admiração: Manabu Mabe.

Euzébio — 24 anos, de Goiânia. Desde 72 morando em Brasília, com passagens pelas agências de propaganda. Euzébio vai pintar em óleo e acrílico cenas cotidianas de Brasília ao amanhecer, com os trabalhadores saindo para o serviço. Quatro telas que, no final, formarão um painel. Admiração: Manabu Mabe.

Chico Régis — 25 anos, brasileiro. Também publicitário, já estudou várias técnicas. Participou das duas primeiras 90 horas. Vai mostrar um conjunto de telas em preto e branco, a nanquim, com o gato como tema. Admiração: Wagner Hermuche.

Hermínio Tadeu — 32 anos, do Mato Grosso do Sul — Desde os dois anos de idade em Brasília, Hermínio Tadeu é formado em História pela Universidade de Brasília e vai apresentar uma grande tela chamada "O Expiral". Integrante do grupo Via Satélite, ele prepara com o seu grupo a exposição "Vem Ver Gama" para novembro. Hermínio Tadeu cita Picasso, como um nome fundamental à pintura deste século.

Humberto Brasil — 25 anos, paulista. Formado pela PUC de São Paulo, Humberto está há um ano e meio na cidade. Sua proposta é pintar um painel de tecido gigantesco. Tem também projeto de erguer um monumento em argila, a ser realizado com a participação do público, numa cidade satélite, sob inspiração da escultura japonesa Akiko Fugita. Para ele, esses monumentos em argila constituem um movimento de arte em si. E como admiração ele cita uma cantora paulista ainda inédita, mas que garante ser genial: Madalena Norvaes.

Vale Rio — 25 anos, brasileiro. Cubista, admirador de Picasso, Vale Rio vai pintar telas tendo como tema o índio brasileiro. "Não é porque está na moda. Já faço esse trabalho há algum tempo. E nada mais contemporâneo que tentar salvar um

pouquinho do que restou da nossa floresta, dos nossos povos indígenas".

Anselmo Rodrigues, 32 anos, nasceu em Aracaju. Há 12 anos em Brasília, vai realizar três telas tendo como tema cenas populares. Tem vários trabalhos pintados em tapumes de obras em Brasília.

Aldo Moreno, 24 anos, paulista. Influências de Magritte e a proposta de uma pintura exotérica. Fez também a série *Vozes da Terra Tupi*. Vai realizar a tradução pictórica do poema *O Último Porquê*, de Pierre Weil.

Cardoso de Moraes, 28 anos, mineiro. Como outros pintores desta maratona, também vai pintar tendo como tema o índio brasileiro. Seu trabalho chama-se *Amada Aldeia*. Em telas de grandes dimensões, com acrílico e têmpera, vai mostrar uma pintura dedicada aos índios Xerente, de Goiás.

Divino Cláudio, 27 anos, de Anápolis. Vai realizar três telas em homenagem a Vincent Van Gogh, cujo centenário de morte é lembrado este ano.

Fernando Carvalho, 23 anos, brasileiro. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes e no Parque Lage. Vai realizar três telas com técnicas diversas, dentro de

um deliberado compromisso com a contemporaneidade. Admira na atualidade o carioca Daniel Senise e o italiano Sandro Thia.

Luís Mauro, 22 anos, nasceu em Goiânia. Um dos mais destacados valores novos de Goiás, mora atualmente em Inhumas. Para o crítico Marcus Lontra, ele produz uma "figuração tensa e cruel", com recortes e retalhos de telas numa pintura bem-humorada e cheia de nonsense.

Silvana de Castro, 30 anos, nasceu em Goiânia. Morou em Brasília na infância, e "era uma Torre de Babel". Foi parar por acaso numa escola de arte e não parou mais. Vai mostrar a pintura "O Peixe não Morre pela Boca", uma metáfora do povo brasileiro. "O peixe é o elemento que tem mais liberdade de movimento e é um reflexo do ambiente". Silvana admira Siron Franco e Léo Pincel.

Vitória Basala, 28 anos, carioca. Atualmente mora em Cuiabá. Pesquisadora de pigmentos naturais, minerais, vegetais e animais. "Trabalho o balé da sobrevivência", diz a pintora, que participou da recente Artepantanal. Também jornalista, Vitória diz que "arte é transportar e transformar a emoção em matéria".